

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira, . 5500
Para outras localidades. 9590

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

As razões de uma Economia

A CONFERENCIA que o sr. Ministro da Economia realizou no Teatro de São Luís, em 28 do mês passado, pode classificar-se de sensacional. Sensacional, não pela reafirmação dos princípios que o têm norteado na sua política económica, mas pela forma brilhante como refutou todas as críticas que pretendem apoucar ou deminuir o valor da obra admirável que vai realizando, para que a Nação se abasteça do necessário e possa ter o consumo equilibrado.

Razões económicas duma politica—se intitulou a sua magnífica conferência. E as razões foram postas com clareza, com convicção e ao alcance de toda a gente. Não houve refulhos nem sofismas nas palavras do ilustre titular da pasta da Economia. Tudo foi dito com simplicidade, embora com firmeza e com um tanto de indignação contra a dialéctica abstracta daqueles que pretenderam e pretendem negar o valor da sua obra, como se as coisas se não pudessem avaliar pelos resultados que produzem.

Em face da afirmação dos que dizem que a vida não embarateceu, o sr. Ministro da Economia provou exuberantemente, com números e dados positivos, que a alegação carece de fundamento. Bastava ser verdadeiro o facto, como é, do desaparecimento do mercado negro, para se concluir imediatamente que a vida, na realidade, embarateceu. Neste caso, os números estatísticos das tabelas oficiais não nos podem elucidar... Mas as realidades são realidades, e é preciso não esquecê-las, quando se quer fazer crítica honesta.

A Nação foi abastecida do necessário para o consumo dos géneros exigidos pela vida corrente de cada dia. Não havia carne, e a carne veio em abundância da Argentina. Veio o açúcar, veio o arroz e apareceu o azeite, que andava escondido por todos os buracos e por todas as escurridões do comércio ilícito e clandestino. O abastecimento do País normalizou-se. Os preços oficiais foram mantidos. Houve, sem dúvida, que fazer importações importantes para isso. No que respeita à batata, por exemplo, a importação teve que fazer-se em dezenas de milhar de toneladas, a fim de acudir às economias domésticas com um produto de primeira necessidade, longos meses sem aparecer no mercado. Os es-

peculadores, aproveitando-se da sua escassez, quiseram arranjar fortuna em pouco tempo. O sr. Ministro da Economia fez com que os seus planos caíssem por terra, em benefício do consumidor. Queixaram-se das providências tomadas, alegando que

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

Descanso Dominical e Dias Santos

Teve o parecer favorável da Câmara Corporativa, através dum extenso e douto relatório da autoria do procurador Professor Gomes da Silva, o projecto de lei apresentado na Assembleia Nacional acerca da obrigatoriedade do descanso dominical e da equiparação dos dias santificados pela Igreja aos feriados civis.

Congratulamo-nos com o facto e esperamos que em breve a lei seja aprovada a bem da «consciência e vida cristãs que estão na base e informam toda a estrutura da nossa civilização e, de modo especial, a da Nação portuguesa.»

T.

Amendoeiras em Flôr



Estrada de Santa Margarida — Tavira



Foto Tenente Padinha



AMENDOEIRAS EM FLÔR

O ALGARVE está em festa, de lés a lés. Por entre o verde dos trigais, destacam-se as amendoeiras floridas.

A terra algarvia comemora o seu tradicional noivado, espectáculo maravilhoso, sempre belo, sempre inédito.

Em pleno Inverno, a Natureza veste-se de galas, atapetando de pétalas estradas e caminhos, e no espaço paira um per-

As flores—oh! que primor!—
Todas feitas de cetim...
Até parecem da côr
Dum sonho que trago em mim!..

I. P.

rendilhadas, de amendoeiras em flôr a refletirem-se no cenário encantador do mar, esse mar das maravilhas, Oceano do Infante, testemunha involvidável da nossa epopeia gloriosa.

Este Algarve de céu azul tem sido nestes primeiros dias de Fevereiro um poema de luz e côr.

V. P.

fume subtil. Como está lindo este torrão encantado, cujo sol lhe dá uma luminosidade extraordinariamente bela.

Terra lendária, de chaminés

BAZAR DAS CURIOSIDADES

O Carnaval há dez anos na «Casa Pia de Lisboa»

Não querendo deixar passar despercebida a tradicional época carnavalesca, vamos falar da forma interessante como, noutros tempos, o Carnaval era luzidamente festejado na «Casa Pia de Lisboa», instalada como se sabe, junto ao majestoso Mosteiro dos Jerónimos.

Assim, começemos por assinalar a organização e ordem com que decorriam sempre esses festejos na «Casa Pia», que permitiam uns agradáveis momentos de alegria nos grandes e miúdos «gansinhos».

O desfile do cortejo de que se compunha esta parada carnavales-



ca merecia os melhores aplausos da assistência, quase sempre composta por pessoas de família dos alunos e convidados, as quais presenciavam este espectáculo nas ruas da vasta cerca, que ladeiam parte das dependências desta Instituição de ensino.

De grandes características e dum trabalho deveras admirável, recorda-nos ter visto durante a passagem de um dos últimos cortejos ali realizados, há cerca de dez anos, com bastante curiosidade, e destacadamente, entre outros, o «Cruzador Tirocínio»; o «Dragão Imperial»; um «Casamento Pomposo», etc. Centenas de alunos, enver-

Algarve em Flôr

Por LIA ALGARVIA

Por magia da Natureza e milagre de Deus, o Sublime Criador, volta a embelezar-se o nosso formoso Algarve, com o deslumbrante panorama das amendoeiras em flôr.

Quem vive sempre nesta provincia de encantos, habituada ao colorido forte do sol que a doira, ao lindo azul do céu, tão difícil de igualar, aos variados tons verdes da sua luxuriante vegetação, ás casinhas muito brancas, trepando pelas encostas, ou enfeitando os vales verdejantes, e ás suas praias de beleza sem igual, não dá o devido apreço á linda provincia do Sul.

O camponês algarvio dá mais valor ás suas terras, pelo que elas possam produzir, do que pelas belezas que o rodeiam.

O algarvio cidadão, de tão habituado, já não se deslumbrava com as galas que enfeitam a terra que o viu nascer, ainda que muito as ame.

Mas quem, pelo capricho do destino e exigências da vida, deixou a sua provincia natal, é que melhor avalia tudo o que ela encerra, pela ternura que lhe dedica, no perfume da saudade!

Quantas recordações deste ou daquele cantinho da serra, á beira dum regato saltitante! Da casinha num vale, onde, no Verão, a brisa afaga as messes loiras.

Da nóra que entoa a sua melopeia; das arvores frondosas que generosamente nos dão as suas sombras; do mar, o leão bravo, que nos assombra, quando enfurecido, ou nos deslumbrava, quando, suavemente, vem beijar as areias douradas.

Que saudades do viver sossegado das suas lindas cidades e vilas, e das pequeninas aldeias, com os campanários a branquejar sobre a vegetação!

E quantas recordações desse espectáculo etéreo e deslumbrante das amendoeiras em flôr!

Quando, em toda a parte, o Inverno deixou a marca da sua desolação, e as arvores milagrosas, enfeitando vales e campinas, subindo pelos montes, debruçando se pelos muros, espregando as estradas, rodeando as alvas casinhas, e pondo em toda a paisagem um sorriso da sua graça primaveril.

São elas as precursoras da rainha das estações, no seu cortejo de noivado, do sonho e da beleza.

Louvado seja Deus, que assim te fez tão bela, Oh! Meu Algarve em flôr, Jardim á beira mar, Bendito seja Deus, que, com tanto desvelo, Te deu rara beleza e a graça dum altar.

Fevereiro de 1948

gando máscaras interessantíssimas, apresentaram-se de forma a obterem um grande successo.

No fim do cortejo, dava-se início a um baile de máscaras, baile bastante alegre e curioso pela forma como decorria.

Presentemente, não sabemos por que motivo, esse tão antigo divertimento deixou de se realizar, embora estivesse, já então, verdadeiramente civilizado.

No entanto, não podemos deixar de recordar uma festa que, sendo bastante popular na parte ocidental de Lisboa, era conhecida e presenciada por centenas de pessoas que admiravam, com bastante interesse, os valiosos trabalhos apresentados pelos correctos e disciplinados «gansos», que nessa altura eram os detentores de tão admirável espectáculo carnavalesco.

Custódio Baptista Vieira

«Discos» da Semana

GRAVADOS POR MELQUIADES

PARA ABRIR Se o calendário reserva ainda ao Carnaval escolhido assento em um dos meses do ano, não gastemos tempo a mimoseá-lo com doestos iconoclastas, que o não levaremos de venda.

Não, não farei córo com escribas encartados e outros paucos senhores, agora empenhados em dirigir impropérios e inconveniências a esse malsinado Carnaval, tãõ da minha simpatia!

Lá porque somos secos, semsaborões, preocupados e não queremos ou não sabemos aproveitar estes poucos dias da quadra foliã para uma salutar cura de riso, não venhamos endossar ao Carnaval as responsabilidades que nos cabem.

O Carnaval não mudou, nós é que finjimos não o entender.

Chorões, enfadonhos, vestindo de nojo nossas almas de gatos-pingados, sem predisposição para a chalaça esfuziante e retemperadora, destituídos de espirito, antipodas da alegria, quizilentos, que poderá ser o nosso Carnaval senão esta coisa insossa e fúnebre?

Não, meninos; o Carnaval não tem vontade própria, nós é que fazemos dele o que apeteçomos e falece-nos jeito para o melhorar.

PARA ENTREMEAR Apesar de tudo, não podemos dizer que o Carnaval, em Tavira, tenha passado em branco. Alguns esforços se têm notado, no sentido de sublinhar a quadra que decorre.

No Grémio, iniciaram-se os folguedos no sábado magro, depois de porfiadas diligências das jovens interessadas.

As salas foram abertas quase à hora de fechar, mas não há dúvida que abriram.

Tomado muito à letra, o Domingo Magro foi absolutamente magro. Não houve sarau.

Para fazer respeitar o édito que interdizia os salões a qualquer veiledade recreativa, foi postada à entrada uma próxima parente da Padeira de Aljubarrota que, de pé em punho, digo, de taco em riste, defendia o acesso à alcáçova das máscaras mais renitentes e pouca dispostas a acreditar naquela partida de entrudo.

Acabará em beleza o Carnaval no Grémio!

Ontem, hoje e terça, bailes com orquestra, entusiasmo avontade e o mais que se verá...

O Clube Recreativo e a Sociedade Orfeónica, afinaram pelo mesmo diapásão: às quintas e domingos, recepção a máscaras e reunião de sócios e famílias. Música de pick-up.

Tudo tem decorrido serenamente, com boa disposição e muita vontade de se divertirem. Parece que o têm conseguido.

Os 3 dias de Entrudo serão em cheio.

O Teatro Popular preparou e servirá, a preços módicos, hoje, amanhã e depois, «3 Grandiosos Bailes 3, com fitas, música de discos e mascarinhas de todas as espécies e todas as idades.

Haverá *matinée* infantil, com prémios às crianças mais bem vestidas, na terça-feira.

O Julinho, que trasladou o *dancing* para o Alto de S. Brás, também promete entusiasmo a rodos.

Associação-se ao Bandarra, que profetizou:—Bela Fria está longe de ser bela e é muito fria. Ali não nos governamos. Auguro réditos pingues em S. Brás. Mudemos. E' possível que nos desentendamos, mas... Deus super omnia!

Lá estão as novas instalações, oferecendo ao excellentissimo público, às quintas e domingos, bailes animados, com raparigas mascaradas e sem máscara, e orquestra típica.

O Salão Caldeireiro, à passagem de nível, vem queimando às quintas-feiras e domingos foguetes anunciadores das marcantes diversões que ali podem desfrutar gentes da comarca e adventícios.

Reputados concertistas de acção e de *jazz* ilustrarão os bai-

les destes 3 dias de folia plena. Os contribuintes do conceituadíssimo *dancing* podem contar com frequência escolhida e um serviço de bar que não receia confrontos...

PARA REMATAR Um poeta histórico e de requintada sensibilidade confiou aos prelos certos desabafos rimados, que uma insignificante casa editora resolveu pôr em circulação.

Não interessam os nomes do vate nem dos editores. Basta que se saiba falecer àquele o siso e aos últimos qualquer noção de senso estético.

Ainda interessam menos os poemas. E para o provar ofertamos aos leitores menos esclarecidos 4 deles, habilitando-os assim a aquilatarmos da prodigiosa inspiração do conspícuo tangedor de lira, que se orgulha de possuir para uso próprio uma robusta obtusidade, de que não quer desfazer-se.

O livro intitula-se «Folhas soltas de um calendário errado».

Eis os poemas:

Quem desdenha...

A sorrir-me da janela,
Um dia e outro passava...
Eu olhava
E dizia com desdém:
—Que magra mulher aquela!
Resolvi fugir com ela;
Fugi e fiz muito bem.

Mal entendido

Deitado sobre a cama,
de pijama,
Seu rosto exprimia
Ligeira agonia.
A' hora do almoço,
O mano mais forte, o mano mais moço,
Risonho, saudável, modos resolutos,
A' porta vem perguntar:
—Sais?
Torna-lhe o outro, dorido, em «aise»:
—Sim!... de frutos.

Bucólica

De penas brancas, longas, frisadas,
Fazendo voltas bamboleadas,
Anda uma gansa
Que se não cansa
De provocá-lo...
Na relva, o ganso,
Deitado, manso,
Manso e indolente,
Olha-a indiferente...

Ao vê-lo assim, ela indignou-se,
Disse consigo, disse e afastou-se:
—Pois isto é ganso?
Que tanso!!!

Patologia

Um matemático tem
(Olaré se tem!)
Cálculos às carradas na cabeça.
Agora oiça:
Não me diga
Que os podé ter no rim ou na bexiga,
Porque isso é outra loiça!...

Não é difícil profetizar lírico futuro ao mavioso poeta e asilo gratuito em qualquer hospital de alienados.

O Livro das Raparigas

Acaba de sair o 7.º volume desta admirável antologia que se intitula «O Livro das Raparigas» — e é dirigido por Mariália.

São mais de duzentas páginas em que se encontram trechos escolhidos e subscritos por nomes consagrados universalmente.

Deste 7.º volume, destacamos: *A loucura do Marquês*, novela de G. K. Chesterton. *Perfil literário e humano de Maria Amália Vaz de Carvalho*, por Augusto de Castro. *A felicidade pelo amor*, por Maria Amália Vaz de Carvalho. *Miss Brill*, por Katherine Mansfield. *O caminho da salvação*, novelização do filme. *O fio da Navalha*, extraído do livro de Somerset Morgan. *Entrevista com minha filha adoptiva*, de Pearl Buck. *O, aquele baile*, novela de Maurus Jokay. *Dezertos de maridos e esposas*, por William Lydgate. *Vida e amores da Princesa Isabel*, por Mariália. *Recordar é viver; E Ah-Wong não se converteu!* — por P. L. Travers.

A secção: *Novas Escritoras* contém 14 produções de raparigas

A Banda de Tavira

Será possível a sua manutenção?

Conforme dissemos no nosso último número, constituiu-se uma comissão reorganizadora, composta pelos senhores Capitão Jorge Ribeiro, João Aldomiro de Sousa e Manuel Virgínio Pires, nosso camarada de Redacção.

Ao entrarem na direcção dos trabalhos, verificaram que a Banda, para se poder manter, precisava de, pelo menos, 48 contos anuais; e, então, resolveu se o apêlo aos habitantes de Tavira, aos tavirenses ausentes e a todos os que se interessam pela causa.

Como a quotização mensal tinha atingido o baixo nível de de 300.000 e como é necessário que ela se eleve para 1.500.000, resolveu, na sua última reunião, mandar aplicar nos estabelecimentos indicados no nosso último número inscrições para todos aqueles que desejam contribuir.

Além disso, verificando que a quotização estava baixa em relação a muitos associados, porque o nível de vida subiu e muitas quotas ainda são passadas com as verbas iniciais, resolveu mandar circular aos associados, solicitando o aumento que julgarem justo adaptado às suas possibilidades.

Como, por vezes, muitas pessoas não têm possibilidades de se deslocarem para fazerem a sua inscrição, resolveu ainda a comissão reorganizadora, num último apêlo, enviar circulares às pessoas que ainda não se inscreveram, porque sem verba não se pode manter tal organismo artístico e recreativo.

Algumas pessoas têm correspondido; e, para apreciarmos melhor quanto a Banda de Tavira é apreciada no meio popular, publicamos a seguir uma carta que recebemos dos distribuidores postais de Tavira:

... Senhor Director do «Povo Algarvio».

Em resposta ao apêlo lançado pelo seu jornal a favor da nossa Banda de Musica nós, carteiros de Tavira, vimos, dentro das nossas possibilidades, inscrever-nos de boa vontade com a quota mensal de Esc. 2.750, cada.

E' para lamentar que esse núcleo artístico, que tantos esforços custou à V. para ser criado em Tavira, e que tanta fama adquiriu por todo o Algarve e Alentejo, deixe para sempre de recrear o espirito dos tavirenses. Assim, fazemos votos para que continue a bem da arte.

Francisco António de Matos
Pedro do Carmo Mendonça
Manuel Jacinto
Manuel Pedro Patarata

Bastam apenas seiscentas boas vontades como estas, para que a Banda de Tavira continue, o que não se nos afigura difícil, num meio tão populoso e apreciador da arte.

Com a companhia que há dois números vimos levantando em prol da Banda de Tavira, estamos certos que alguma coisa de proveitoso se consegue, pois o cruel dilema é: ou a quotização atinge os Esc. 1.500.000 mensais e a Banda ressurgue, ou não se consegue, e ela não tocará mais.

Nos próximos números do nosso jornal, se não nos faltar o espaço, vamos publicando os nomes dos inscritos e respectivas quantias.

ACHADO

No Posto da Guarda Nacional Republicana, desta cidade, encontram-se depositados um porte-moedas, em cabedal e uma luva forrada em pele de ovelha, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

portuguesas que assim expõem as suas faculdades literárias.

«O Livro das Raparigas» é da Editorial Romano Torres, de Lisboa, e encontra-se à venda em todas as livrarias.

O ALGARVE

(Apontamentos para a sua história)

(Continuação do n.º 708)

PIRATARIA

A pirataria e o contrabando constituíam o passado histórico de todas as povoações marítimas, desde o Mediterrâneo oriental até às costas de França.

No litoral, as velhas igrejas tinham ameias nos muros e frestas junto das portas, para se dispararem columbrinas e bacamartes. Os moradores procuravam nelas e nos castelos refúgios, quando os fogachos das atalaías davam alarme dum desembarque de piratas argelinos. Pelo litoral, estendia-se uma fiada de fortes, até França. Eram as fortificações duma guerra milenaria, duma luta de dez séculos, entre moiros e cristãos pelo dominio do mar, luta de pirataria para o roubo e a escravatura.

Contavam-se romances de cativos nas noites de Inverno e falava-se com horror dos bergantins barbarescos. Os ladrões do mar tinham pacto com o diabo, pois os avisava das ocasiões propícias. Se num mosteiro tinham acabado de professar formosas noviças, as portas, á meia noite, eram abaladas com as machadadas dos demónios barbudos que irrompiam pela terra dentro, deixando atrás a galera pronta a receber o frete de carne feminina. Se uma rapariga da costa se casava, rapariga conhecida pela sua beleza, á saída da igreja saíam os ímpios, disparando os bacamartes e cosendo á navalhada os homens sem armas, para arrebatarem as mulheres com seus trages de festa.

De todo o litoral apenas viajavam os navegantes da marinha, tão atrevidos e belicosos como eles. Quando ousavam atacar-lhes as casas, era porque sabiam que os marítimos andavam no mar e tinham ido, por seu turno, saquear ou incendiar qualquer aldeia da costa de Africa.

A pirataria dos estados sarracenos do norte de Africa dificultava e impedia com frequência a navegação cristã no Mediterrâneo; e, juntamente com os moiros de Espanha sublevados, faziam muitos estragos, levando muita gente cativa.

As armações de atum do Algarve eram todos os anos vítimas dos piratas marroquinos, que lhes levavam as âncoras, as rédes, queimando-lhes os barcos. Para as defender daqueles piratas, Viana do Castelo armava três navios; o Porto, quatro; Lisboa, seis; Setubal, três; e o Algarve, outros três, que andavam ao corso contra os piratas.

Não foram só estas as providências que os Reis de Portugal deram contra a pirataria, como vamos ver.

A esquadra do Algarve, no tempo de D. Manuel, destinada a combater os piratas e corsários berberescos e argelinos, era composta de fustas e caravelas e cruzava nas aguas da Berberia e do Algarve. A outra, formada de navios maiores, nas costas do norte do reino; e a terceira, nos Açores.

A esquadra do Algarve, ou do Estreito, no tempo de D. João III, era umas vezes composta de fustas, outras, de galés, outras de caravelas, não passando do numero de seis. O mesmo D. João III mandou armar navios latinos de 25 a 30 toneladas para vigiarem rente á costa, tendo 4 fundeadouro em Lagos e 2 em Portimão; e mais 4 navios de remos, e 1 navio grosso. Os barcos a remos não navegavam no Inverno.

No tempo de D. João III, a navegação e o abastecimento dos nossos logares de Africa eram muito difíceis. A actividade dos corsários era muito grande. A guerra de corso tornara-se uma das formas de guerra santa. Não havia segurança nem transportes. A esta guerra marítima vinham associar-se os turcos, que começavam antes do meado do século XVI a intervir nos destinos do norte de Africa.

Deixemos os turcos por um momento e, antes de findar este pequeno estudo sobre a pirataria marítima, diga-se, de passagem, que a mais célebre tomadia no Algarve pelos piratas moiros foi a de Castro Marim, em 1353.

Barba Roxa, turco coroado, fizera-se senhor de Argel e, depois, de Tunis, que Carlos V lhe tomou em 1533, auxiliado por uma esquadra portuguesa. Em 1549 a vinda de outro corsário turco encheu de medo as nossas praças do Estreito e do Algarve, mas foi repellido.

A pirataria constante, de que os mares do Algarve foram teatro, deveria ter-se tornado intensissima, devido aos constantes ataques dos barbarescos e outros, a que lhes correspondia, em defesa e ofensiva ainda, a pirataria de cá...

Porque além dos corsários turcos, argelinos e marroquinos, havia os corsários ingleses, holandeses e franceses.

E é dos portos do Sul, e pagos pelos fidalgos da provincia, e pagos também em grande parte pelos fundos das confrarias dos mareantes, que salam sempre os primeiros socorros aos portos ameaçados de saques.

A pirataria e o contrabando constituíam o passado histórico de todas as povoações marítimas, desde o Mediterrâneo oriental até às costas de França.

Em 6 de outubro de 1755, o Marquês de Pombal mandou partir urgentemente para o Algarve cinco companhias de cavalaria (dragões) para cobrirem as costas daquele reino, que se achavam expostas às invasões dos moiros, pelas ruínas das fortalezas e desertão de seus habitantes, a seguir ao terramoto de 1 de novembro do mesmo ano.

Em 1803, os piratas argelinos infestavam o Mediterrâneo, e, passando o Estreito, chegavam até ao Algarve, onde renovavam o pânico nas populações costeiras e prejudicavam a navegação e o comércio marítimo. E a tal ponto estes levavam a sua pernicioso acção, desde o Cabo de S. Vicente até ás costas da Catalunha, que de Lisboa enviaram algumas forças navais, para a fiscalização da nossa costa.

Em 1810, tinha diminuido consideravelmente a acção nefasta da pirataria de Argel.

Em 14 de Junho de 1813, assinou D. João VI um tratado de paz com o rei e regência de Argel. Todavia, foi só em 1830 que a França conseguiu exterminar esse poderoso centro de pirataria tomando a Argélia.

Damião de Vasconcellos

Pela Provincia

Vila Real de Santo António

Lusitano Futebol Clube—Foram eleitos os novos corpos gerentes do Lusitano F. C., para o corrente ano, os quais ficaram assim constituídos:
Assembleia Geral: Presidente—Dr. Raul Folque; Vice-Presidente—Francisco de Góis Oliveira; 1.º Secretário—Jacinto de Andrade Figueiredo; 2.º Secretário—Fabricio Pessanha Barbosa.
Conselho Fiscal: Vasco Mascarenhas

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

de Miranda, Octávio Rafael Pinto e Emilio Diogo Costa.

Direcção: Presidente—Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas; Vice-Presidente—Dr. José Gomes Cumbreira; 1.º Secretário—Sebastião Santos Silva; 2.º Secretário—Francisco Couraça Rodrigues; Tesoureiro—Manuel Rodrigues Alvares; Vogais—Artur da Rosa Botelha e José Luis Camarada Pereira.

O 1.º ANIVERSÁRIO

Como nasceu a Casa do Algarve

Apontamentos para a sua história

I CAPITULO

PARABENS!!

Vai fazer um ano que nasceu a nova Casa do Algarve!

Nesse ano, esta Casa Regionalista tem marcado a sua posição e contribuído para a expansão das belezas algarvias.

Logo de início, a Casa do Algarve, soube cativar todos os naturais desta provincia encantadora. Deve-se o engrandecimento da Casa do Algarve a três algarvios ferrenhos: Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ilustre presidente; Jerónimo Marcos, tesoureiro, e Joaquim António Nunes. Antecipadamente, envio à Casa do Algarve os meus sinceros parabens e desejos de muitos anos de vida, para assim poder impôr o nome da Região Sul.

Reorganizou-se em Lisboa, a «Casa do Algarve», por iniciativa de alguns algarvios que ocupam lugares de relêvo, na Capital.

Por conseguinte, será justo contar como nasceu essa Casa Regionalista, que tem dois fins: fazer a propaganda da terra das «moiras encantadas», das amendoeiras, das chaminés rendilhadas, das casas em estilo marroquino, e defender os interesses de todos os algarvios que vivem na Cidade de Ulisses.

Esta Casa não pretende, não pode nem deve ter a mínima politica. Esta Casa é para todos os algarvios, sem excepções, um segundo lar, onde os ricos ou pobres, ilustres ou não ilustres, podem passar um pouco do tempo em contacto com os seus comprouvianos. Todos têm, portanto, o direito de ajudar a sua Casa que representa a Provincia. Ela saberá recompensar os esforços de todos os seus associados, na medida do possível. Ela não se reorganizou para servir os interesses deste ou daquele, em especial, visto que a nossa divisa não concebe palavras vãs nem tão pouco, glórias imerecidas.

E agora, vamos á história da reorganização da «Casa do Algarve». É preciso que todos os naturais dessa região saibam como e para que se reorganizou esta Casa Regionalista.

Aos dez dias do mês de Junho de 1945, fiz publicar no jornal «Povo Algarvio», semanário que se publica em Tavira, sob a direcção do sr. Dr. Jaime Bento da Silva, uma crónica com o título «Por que se não organiza a Casa do Algarve?», a qual transcrevemos:

«Há aproximadamente dois anos, o «Povo Algarvio», ouviu as opiniões de diversas personalidades algarvias, que em Lisboa se têm distinguido, nas artes, nas letras, na música e tudo o mais.

Foi precisamente nessa altura que mais ouvi falar da extinta «Casa do Algarve». Todos esses algarvios mostraram certo interesse pela dita casa regional, verificando-se até que fazia falta em Lisboa, pois nesta capital se encontra um grande núcleo que, se possível fôsse reuni-los, talvez ultrapassasse alguns milhares.

A «Casa do Algarve» foi fundada em 1930, por vários algarvios, tendo como director, nesse ano, o Major Mateus Moreno, ex-Comandante Militar do Lubango.

Entrevistando em 1943 o Major Mateus Moreno, para o nosso jornal, ele falou-nos da «Casa do Algarve». Eis, o que nós publicámos:

«A finalidade da «Casa do Algarve» de 1943, como de resto a dos vários grêmios regionais, que actualmente existem em Lisboa, já não é a mesma de 1930. Muitas das actividades sociais e até culturais dessas instituições de carácter particular estão hoje integradas no programa de acção das Juntas de Provincia. Mas nem por isso deixo de considerar ainda muito útil a

PELA CIDADE

Santa Casa da Misericórdia de Tavira—Hospital do Espírito Santo—Movimento Operatório—No Serviço de Cirurgia Geral foram feitas no dia 31 de Janeiro findo as seguintes operações:

Duas apendicectomias, uma herneorrafia, uma gastrectomia e uma estirpação de quisto sebacio. Pela equipe B do referido serviço foi feita no dia 2 do corrente, uma lapetomia e uma herneorrafia no dia 3 do corrente.

Inscreeu-se como protector do Hospital o sr. Francisco Dias Franco, com a importância mensal de 20000.

Farmácia de Serviço—Encontrase de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Monte-Pio Artístico.

Teatro António Pinheiro—Espec-táculos de Carnaval—Hoje—Domingo (gordo), 8 de Fevereiro de 1948 O Luar de Burma e Natal em Julho.

Segunda feira, 9 de Fevereiro de 1948 Uma aventura de Rin-Tin-Tin.

Terça feira (Entrudo), 10 de Fevereiro de 1948 Raparigas de Viena e Os Dois Aldeões.

3 Formidáveis Bailes de Mascaras.

Terça feira, 10 (Dia de Entrudo), Matinée Infantil com prémios ás crianças melhor mascaradas e brindes a todas as outras com Filmes Comicos-Desenhos.

Informações

Foi nomeado prsposto de avaliador oficial da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, o sr. Laurentino de Jesus Gonçalves, residente nesta cidade.

Pelo Ministério do Interior foram concedidos ás instituições de assistência, abaixo designados, deste distrito, os seguintes subsídios de cooperação:

- Albufeira—Santa Casa da Misericórdia de Albufeira, 29.000000;
- Alcoutim—Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim, 20.000000;
- Aljezur—Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Aljezur, 15.000000;
- Alportel—Misericórdia de S. Braz, 12.000000;
- Castro Marim—Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Castro Marim, 18.000000;
- Faro—Asilo dos Orfãos de Santa Isabel, 10.000000;
- Creche Jardim de N.ª S.ª de Fátima, 36.000000;
- Instituto de Assistência Social Dr. Francisco Gomes, 10.000000;
- Irmandade de N.ª S.ª da Misericórdia de Faro, 100.000000;
- Refugio Aboim Ascensão, 6.000000;
- Lagoa—Santa Casa da Misericórdia de Lagoa, 27.000000;
- Lagos—Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lagos, 33.000000;
- Loulé—Casa da primeira Infancia de Loulé, 4.000000;
- Santa Casa da Misericórdia de N.ª S.ª dos Pobres, 102.000000;
- Monchique—Irmandade da Misericórdia de Monchique, 32.000000;
- Olhão—Instituto de Assistência Social de N.ª S.ª de Fátima, 50.000000;
- Portimão—Lar da Criança de Portimão 4.000000;
- Santa Casa da Misericórdia de Portimão, 44.000000;
- Silves—Misericórdia de Silves, 72.000000;
- Tavira—Misericórdia de Tavira, 58.000000;
- Vila do Bispo—Santa Casa Misericórdia e Hospital de Vila do Bispo, 12.000000;
- Vila Real de Santo António—Misericórdia de Vila Real de Santo António, 25.000000;
- Soma, 719.000000.

existência de tais grêmios, mesmo fora da sua simples objectividade recreativa.

Inteligentemente orientados, eles poderiam ser até óptimos elementos de ligação entre os vários nucleos regionais da Metropole e os seus correspondentes no Ultramar—campo que foge, como se sabe, á actividade das ditas Juntas».

(Continua) Lula Bonifácio

...de Lisboa

CRÓNICA DA CAPITAL

Por C. TRINDADE

O acontecimento, sem dúvida, mais em relêvo, no dominio do do Espírito, neste principio de ano, é a Exposição levada a efeito pelo Secretariado Nacional de Informação com o titulo de «Catorze Anos de Política de Espírito» e na qual se patenteiam as realizações daquele Departamento do Estado, pelo que respeita a serviços de informação e recepção, publicações periódicas, concurso de montras, bibliotecas ambulantes, cinema, teatro do povo, bailados portugueses, folclore, exposições de arte, prémios literários e artisticos, intercâmbio cultural luso-brasileiro, monografias, pousadas e muitos outros atravez dos quais Portugal se tem tornado digno dos maiores elogios no estrangeiro.

«Apontamentos para uma Exposição», intitula-se modestamente esta admiravel manifestação de Espírito devida a António Ferro e aos seus colaboradores; para nós, todavia, constitui, desde já, uma verdadeira Exposição do muito que se tem feito e do muito que justamente há a esperar de tão útil e prestigioso Organismo fundado há catorze anos por Salazar para «elevar o espirito da gente portuguesa no conhecimento do que realmente é e vale, como grupo étnico, como meio cultural, como força de produção, como capacidade civilizadora, como unidade independente no concerto das nações; clamar incessantemente o que é contra o que se diz ser; e repor constantemente as coisas no terreno nacional, referindo-as sempre à Nação que nós tomámos como a primeira realidade da nossa organização politica e social.»

As razões de uma Economia

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

era preciso proteger o lavrador português. Mas a verdade é que a transformação dos lameiros em batatais, com prejuizo da pecuária nacional, não podia merecer a protecção do Governo. Se os seus cálculos falharam e perderam no jôgo, a culpa foi deles...

A história do gasto de cambiais—coisa que a critica reputava de importância capital—desfê-la o sr. engenheiro Daniel Vieira Barbosa com a facilidade de quem desfaz uma bola de sabão. Se temos cambiais, divisas ou ouro de reserva, tudo isso é para servir as necessidades do País, e não para acumular inutilmente, como faz qualquer avarento, que prefere morrer à fome a gastar o dinheiro que lhe atulha o cofre.

Foi, na verdade, triunfante a resposta do sr. Ministro da Economia aos criticos que quiseram diminuir-lhe a sua politica económica.

Paulo de Sena

MENINA

Com seis meses, entrega-se a quem prove poder dela cuidar com interesse.

Dirigir-se ao Presidente da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Tavira.

CASA

Vende-se um prédio situado na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 78 a 86, em Tavira.

Dirigir propostas, por avião, a Victorino do Carmo Alegre—Patagones, 963—Buenos Aires—Argentina.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fez anos:

Em 5—Sr. António Joaquim da Rosa.

Fazem anos:

Hoje—Sr. Joaquim António Cordeiro Peres.

Em 10—D. Rita de Brito Pinhol e sr. Joaquim Pires Cruz.

Em 11—Sr. José Lázaro Pereira.

Em 12—Sr. José Pereira Nolasco e D. Isabel Maria Peres Jara.

Em 13—D. Maria Catarina Terramoto e D. Augusta Xavier Melo e Sabo.

Em 14—D. Brites Baptista Falcão Santos, D. Lucília Soares Mansinho Soares, D. Maria Valentina Pires Fernandes, D. Maria Idalina da Encarnação Gonçalo e sr. António Ramos Dias.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade o sr. Tenente-Coronel João Guimarães, nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa.

—Esteve nesta cidade o sr. José Pedro Pires Parra, nosso prezado assinante, professor oficial, em Castro Marim. —Com sua esposa, vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Alvaro Ju-dice, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

—Esteve nesta cidade o sr. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo.

—Esteve em Tavira o nosso conterrâneo sr. Celestino dos Santos Amaro Jor., empregado nos escritórios da C. P., em Lisboa.

—Vimos nesta cidade o sr. Dr. Fernando Teixeira de Azevedo, director do Banco de Portugal, em Faro.

—Esteve nesta cidade o sr. Manuel Nogueira Faisca, proprietário, nosso assinante, residente em Castro Marim.

—Regressou do seu passeio ao Norte de Africa, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. João Pedro Maldonado Jor. abastado proprietário, residente em Cacela.

Doentes

Tem estado doente o sr. Carlos Nery Fernandes Bandeira, Chefe da Estação dos C. T. T., desta cidade, e nosso prezado amigo.

Tambem se encontra doente o sr. José Maria do Nascimento Jor., estudante do Liceu de Faro, filho do nosso prezado assinante sr. José Maria do Nascimento, industrial nesta cidade. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Em Lisboa, foi submetida a uma operação, que decorreu com muita felicidade, a sr.ª D. Guilhermina Wadington, esposa do nosso amigo sr. João Emiliano de Matos Parreira, Presidente Distrital da União Nacional.

Necrologia

No dia 25 de Janeiro findo faleceu nesta cidade a sr.ª D. Teresa da Conceição de Jesus, de 73 anos de idade, viuva do sr. Manuel António Gomes.

A extinta era irmã do sr. Tenente José Inacio da Conceição e tia dos srs. Arnaldo Bruno da Conceição, Liberto dos Mártires Laranjo Conceição e Jacinto Conceição.

A família enlutada endereça o «Povo Algarvio» sentidos pêsames.

No dia 28 de Janeiro findo faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria Adelaide Chaves Guimarães Frazão, de 63 anos de idade, viuva do sr. Dr. Primo do Nascimento Frazão, Juiz de Direito.

A falecida era irmã da sr.ª D. Virgínia Chaves Ramos, viuva, e da sr.ª D. Isabel Chaves Guimarães, esposa do nosso conterrâneo sr. Tenente-Coronel João Carlos Guimarães, residente em Lisboa.

O funeral da bondosa senhora, que se realizou na manhã do dia 29 do corrente, foi uma profunda manifestação de pesar, porque sempre gozou de muitas simpatias.

A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

Agradecimento

A familia de Francisco Luiz Gaspar, não desejando ferir a modéstia do Ex.º sr. Dr. Jorge Correia e do pessoal de enfermagem do Hospital da Misericórdia, desta cidade, vem tornar publico o seu profundo reconhecimento pelo carinho e atenção com que o trataram durante a doença que o vitimou.

Agradece igualmente a todas as pessoas que se dignaram incorporar-se no seu funeral.

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-Semente:

Tendo chegado a batata inglesa da variedade Arran-Banner que havíamos encomendado para os nossos associados que em devido tempo se inscreveram para sua aquisição, prevenimos os interessados de que devem promover o levantamento das quantidades com que se inscreveram até ao dia 11 do corrente, inclusive. Depois desta data reserva-

Futebol

Olhanense 5—Sporting de Braga 2 (ao intervalo 3-2)

Mais um grupo terminou as excursões ao Algarve, levando para a sua região a certeza de que, em futebol, a representação algarvia é o «senão» da amenidade do clima e do encanto das amendoeiras em flôr.

Apesar da desenvoltura do seu ataque e, por vezes, vistosas perfurações defesa que tinha um elemento em tarde de pouco acerto (Grazina também tem o direito de não jogar bem), o Sporting de Braga nunca deu a sensação de poder com o Olhanense. Continua este a não apresentar o seu melhor conjunto, mas mesmo sem ele lá vai fugindo do final da tabela, lugar que, nem quando estreatre soube onde ficava.

É natural que, com o tempo e respectivos cuidados, as mazelas (efeitos das violências dos adversários) dos seus jogadores tocados se curem. Integrados depois no conjunto, estes jogadores, parece-nos que, a futuros adversários com aspirações, este representante do futebol algarvio fará ver que, ás flôres de amendoeira se seguiram as amendoeiras com «casca» e que a amenidade do clima é uma coisa caprichosa, porquanto deixa que o Estádio Padinha mais pareça uma estuía — tal o calor que lá apanharão—do que um recinto ao ar livre.

Vitória (Guimarães) 3 - Lusitano 2 (ao intervalo 2-0)

Poucos esperavam que, depois de uma viagem ao Porto, a que se seguiu outra a Guimarães para jogar com o Vitória local, o Lusitano se saísse tão airosoamente. Realmente, perder pela diferença mínima, num ambiente desconhecido, e com um grupo que (mostrou com o Olhanense) quando não vai em geito, vai em «força», é proeza que só um grupo com as características do Lusitano poderia conseguir.

Queremos dizer com isto que o Lusitano, estranhando tudo como qualquer estreatre, é um grupo que não abdica, nem desmoraliza com facilidade, em virtude do seu caso particular, talvez único no País. Quer impôr-se como grupo nesta competição e impôr a sua terra—lá estão todos os elementos de conjunto—como viveiro do jogadores de futebol com habilidade; e, por isso, lutam com uma vontade que a expressão numérica deste resultado mostra bem ser um trunfo no futebol.

Apesar de cedo para conclusões, quer-nos parecer que o Lusitano não se afastará muito do Olhanense na classificação final deste campeonato.

Restantes resultados: Estoril, 7-Académica, 0; Elvas, 3-Benfica, 6; Boavista, 2-Belenenses, 3; Atlético, 3-Porto, 6; Sporting, 8-Vitória, 1.

Hoje, para a 12.ª jornada, o Lusitano defronta, em Vila Real de Santo António, o Atlético Clube de Portugal, e o Olhanense desloca-se a Lisboa, para defrontar o Belenenses.

Para dar início ao Campeonato de Juniores no Algarve, defrontam-se hoje, em Vila Real de Santo, Lusitano-Olhanense.

«Correio do Sul»

Entrou no 29.º ano de publicação o nosso prezado colega «Correio do Sul», de Faro, ao qual uma pléiade de artistas e escritores tem dado colaboração desde o seu início.

Fundado pelo saudoso poeta Bernardo de Passos e pelo nosso ilustre conterrâneo, sr. António Santos, é, actualmente, dirigido pelo consagrado escritor Dr. Mário Lyster Franco.

Com os melhores votos de longa vida, as nossas sinceras felicitações,

mo-nos o direito de dispôr livremente da batata que não tenha sido levantada.

A Direcção

Companhia de Pescarias Barril ou Três Irmãos

(S. A. R. L.)
Séde em TAVIRA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA
1.ª e 2.ª Convocatórias

Em conformidade com os Estatutos desta Companhia, é convocada a Assembleia Geral Ordinária a reunir no próximo dia 14, pelas 15 horas, na sua Séde social, a-fim de se pronunciar e deliberar sobre os numeros 4.º, 6.º e 9.º do Artigo 14.º dos mesmos Estatutos.

Não havendo numero legal de accionistas ou capital para poder funcionar a Assembleia, na data acima indicada fica desde já marcada para o dia 28 do corrente às horas e local acima mencionados.

Tavira, 2 de Fevereiro de 1948

O Presidente da Assembleia Geral
a) João Judice de Vasconcelos

RELOJOARIA e "GONÇALVES"
OURIVESARIA

DE

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Avaliador oficial da
Caixa Geral de Depósitos)

MERCADO MUNICIPAL
TAVIRA

Participa aos seus
Ex.ªs Clientes que
acaba de receber um
grande sortido de re-
lógios da afamada
marca «PRONTO».

Objectos de Ouro e
Prata, Joias do mais
fino quilate e artigos
para brindes encon-
tram V. Ex.ªs neste estabelecimento.



Deliciosos vinhos do Porto

Excelentes Espumantes

e Licôres

Admiráveis Aguas Minerais do

Vimeiro, da Bela Vista e Luso

Água de Monchique

a Esc. 3\$50 cada garrafão

A' venda no

Café Arcada

TAVIRA

Citroen

Vende-se de 11 cavalos, com
4 mil quilómetros. Dirigir a Ma-
nuel Costa Júnior, Largo Dr.
Oliveira Salazar—Loulé.

COMISSIONISTA

Precisa-se que dê abonações
para venda de artigos a presta-
ções. Carta á Sacogil, Ld.ª —
Tavira.

Máquinas de Escrever

Todas as espécies de re-
parações efectuam-se com
a máxima brevidade por
técnico competente

Nesta Redacção se informa

RÁDIO

Consertos em todos recepto-
res de T. S. F.
Executa técnico de subida
competência.

Nesta Redacção se informa.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

FARO

Consultas em Tavira, às quin-
tas feiras, no escritório
do solicitador Carmo Peres

AUTOMOVEL

Marca Chevrolet, do ano de
1928, de 13 H. P., em bom es-
tado de funcionamento, vende-se.
Tratar com Manuel dos Santos
Prado—Tavira.

Traspasse

Traspassa-se uma parcela de
terreno de arial, na Ilha de Ta-
vira, junto á armação de pesca
de atum, Barril ou Três Irmãos,
com a superficie de 10.500, m²
devidamente legalizada com to-
da a documentação. Parte do
referido terreno encontra-se
plantado de vinha e figueiras,
tem bons comados para criação
de cabras.

Quem pertender tratar com
António Joaquim Tacão Vaz
—Tavira.

CRIADA

Precisa-se para servir em Lis-
boa, na linha de Cascais.
Dão-se informações na Re-
dacção deste jornal.

PROPRIEDADE

Vende-se a Frodilhão no si-
tio do Val-Carangueijo. Rece-
be propostas o Major Ramos,
representante do seu propieta-
rio, até ao dia 20 do corrente.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Raios X - Electroterapia

Rua do Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

FARO

Rádio Reparadora do Sul

Reparamos e afinamos com demora
mínima todos os tipos de rádios

SALA DE EXPOSIÇÕES - OFICINA PRÓPRIA

Avenida da República, n.º 49-51-53

OLHÃO

Para quebrar a monotonia das noites inverniais
não há nada melhor do que um bom receptor de

T. S. F.
DIVERTE E INSTRUI

Os mais modernos e afamados receptores de rádio
encontrarão V. Ex.ªs, para corrente ou baterias.

Vendas a pronto ou a prestações desde Esc. 25\$00 por semana.

GRAFONOLAS

DISCOS - As últimas novidades - FADOS - GUITARRADAS - MÚSICAS DE DANÇA

AERODINAMOS

O fornecedor económico da luz eléctrica nos campos

A PREÇOS MÓDICOS

Agência F. P. R. — Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

Anunciai no "Povo Algarvio"

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho